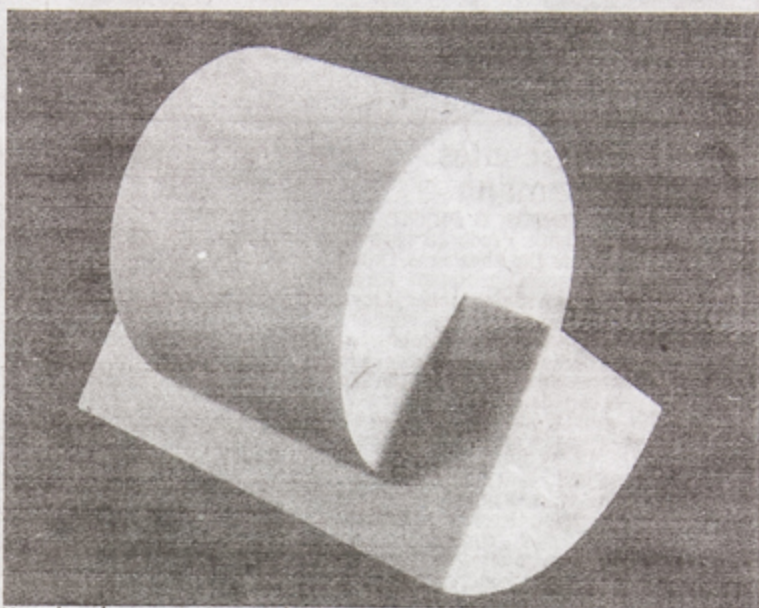


ARTES PLÁSTICAS / CRÍTICA



Uma das obras em mármore do artista, em exposição no MASP.

A magia na escultura de Sérgio de Camargo

IVO ZANINI

Um escultor não se improvisa. Nem um pintor ou desenhista. Igual para um ator ou um solista. Em qualquer área de atuação, só os talentos afloram, marcam, ficam.

Os bons escultores nacionais contam-se nos dedos. Nesse grupo reduzido figura Sérgio de Camargo, carioca independente que já se impõe internacionalmente. Cultivador dos relevos e das formas geométricas, tudo em branco, há três décadas ele fixou um tipo de criatividade na arte informal de características próprias, um trabalho de magia, invulgar.

Se diversas vezes participou de salões e de Bienais de São Paulo, além de realizar umas poucas individuais por aqui, chega agora uma excelente ocasião para admirar a sua obra em conjunto, na mostra que se acha aberta no Museu de Arte de São Paulo, av. Paulista, 1.578. As cinquenta e poucas peças que trouxe da Itália, todas em mármore branco (exceto duas em preto) de Carrara, dão a justa dimensão de um artista voltado para a arte. Uma exposição realmente de nível, sem restrições.

Sérgio de Camargo atesta nos quadrados e nos cilindros que apresenta a força de sua incontestável potencialidade. Nas proporções de volumes e vazados dá o equilíbrio necessário, embora pudesse utilizar outros recursos para tornar certas obras mais

atraentes ou de mais fácil assimilação. Mas o artista recusa-se ao jogo de dupla interpretação, nada deixa em dúvida, é definitivo no que constrói. Na sombra-e-luz que consegue em seus trabalhos, o resultado rende, instiga o espectador a pesquisar as soluções plásticas e óticas encontradas pelo autor. Os olhos deslizam pelos relevos, pelas cavidades, pelas superposições e justaposições, pelo amalgamento das peças à nossa frente. E um aglomerado de inventivas soluções, uma aula viva de plena realização.

Além do que obtém com a imaginação e as mãos, Camargo aliou às suas esculturas o próprio elemento branco do mármore da região de Carrara. Esse aspecto fortalece e torna indivisível a obra do artista, que respeita a pedra no seu todo.

Em poucas palavras, e as palavras por mais que possam clarear o que só o visual consegue não expressam tudo, o melhor é dar um pulo ao Masp. Diante das grandes e das pequenas obras de Sérgio de Camargo o visitante chegará à conclusão de que a escultura moderna brasileira sempre estará bem representada onde se apresentar esse artista, o que já acontece há algum tempo, pode-se dizer desde 1963, quando ele conquistou o Prêmio Internacional na 3.ª Bienal de Paris, ou em 1965, melhor escultor nacional da 8.ª Bienal de São Paulo. E dessa época para cá ele só tem evoluído.